

## *Enfoques paradigmáticos da bibliotecologia; unidade na diversidade ou diversidade na unidade*

**Solange Puntel Mostafa**

Departamento de pós-graduação em biblioteconomia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Rua Waldemar César da Silveira, 105-Swift 13045-270-Campinas-SP, Brasil

### RESUMEN

Se describen y explican dos paradigmas presentes en el estudio de la Ciencia de la Información. El primero de ellos, que se circunscribe dentro de una concepción semejante a la de las Ciencias Naturales, analiza los fenómenos informativos como procesos tecnológicos, en donde el usuario es un elemento más en ese proceso; el segundo paradigma está ligado a las Ciencias Sociales, y estudia el proceso informativo como un acto comunicativo, donde se le asigna una importancia central al sujeto. Se afirma que ambos superan al positivismo. Dentro del enfoque de las Ciencias Sociales, a su vez existe la influencia de tres corrientes, que son el liberalismo americano, la social-democracia alemana y el posestructuralismo francés. Por último, se identifica la influencia de diversos autores (Foucault, Lyotard, Habermas, Althusser, Gramsci, entre otros) y el ulterior desarrollo de las ideas de dichos autores en el campo de la Ciencia de la Información en investigadores brasileños.

### ABSTRACT

Two current paradigms are described and explained in the information science study. The first of them, which is circumscribed within a similar conception of natural sciences, analyzes the informative phenomena as technological processes, in which the user is an additional element in this process; the second paradigm is linked to social sciences, and studies the informative process as a communication act, where the subject is assigned a paramount importance. It is stated that both go beyond positivism. Within the social sciences viewpoint, it also exists the influence of three currents, which are the american liberalism, german social democracy and the french poststructuralism. Finally, its identified the influence of diverse authors (Foucault, Lyotard, Habermas, Althusser, Gramsci, among others) and the development of the ideas of the said authors in the field of information science in brasilian researchers.

**I**dentifico dois paradigmas ou duas abordagens novas na Ciência da Informação: uma abordagem que privilegia o SRI\* como um processo tecnológico, quase físico, onde são analisados os processos de registrar e recuperar informações e onde fala-se também em usuários ou em pessoas mas em todo caso esses usuários são concebidos como uma entidade que compõe o SRI, colocando-lhes perguntas certas ou não e dele obtendo respostas relevantes ou não - usuário, apêndice do SRI, extensão do procedimento lógico das operações de registro e recuperação, sem intencionalidade política, um ser neutro, um apenas usuário.

Nesta abordagem tematiza-se a informação e o SRI dentro de concepções pensadas pelas ciências duras, a física de preferência, na versão da física quântica. Se a modernidade lidou com determinismos mecanicistas, a Física Quântica re-

solveria o problema na noção de caos, de indeterminado, de incausado, do imponderável, de imprevisível. Os SRI seriam então sistemas caóticos.

No outro lado do pêndulo estão os paradigmas das ciências sociais com todos os seus ismos, ismos esses também atualizados para marcos interpretativos mais ligados à pragmáticas do agir comunicativo do que propriamente ligados à noções de paradigmas como modelos de conhecimento.

A questão do positivismo está superada para ambos os enfoques, quer para a Física Quântica a qual postula a impossibilidade de observação de alguns fenômenos sem que tais fenômenos se modifiquem no ato mesmo da observação. E se não há observação, não pode haver previsão, donde a noção de caos ou acaso. É impossível prever o funcionamento de um SRI; quando se entra com uma pergunta en-

tra-se num mar de aventuras; são lembradas aqui as famosas leis da Ciência da Informação como a lei 80/20 operando nos estoques com inexorável regularidade; noções de entropia, fractal, caos, enfim todas as assimetrias ou desencontros entre usuário e informação são percebidos como sendo da natureza complexa da informação ou dos sistemas de recuperações de informação.

Mas o positivismo está superado também para a abordagem mais social, aquela que entende o SRI não como um mecanismo físico (mecânico ou quântico) mas como resultado de ações prévias escolhidas na negociação dos atores sociais, sempre políticos. Ações sociais em suas múltiplas escolhas de práticas culturais com seus múltiplos jogos de linguagem, jogos esses e práticas essas que passam a ser o problema a ser discutido previamente à formulação dos SRI. Esta abordagem re-

\* Sistema de Recuperación de Información (N. del E.)

jeita os ismos, seja o marxismo, seja o funcionalismo, seja o estruturalismo e caminha não em direção ao pós-marxismo ou ao pós-estruturalismo mas em direção “a uma dialética renovada” (Gonzalez de Gomez, 1995 p.82), onde se lidaria com um “conceito responsável de transferência de informação” no plano de múltiplas lógicas sociais, não só as científicas ou as que falam do usuário abstrato de informação.

No Brasil essas correntes estão representadas por Braga (1995) e Araújo (1995) como as primeiras teorizações acerca do caos e a segunda abordagem liderada por enquanto apenas por Gonzalez de Gomez em vários trabalhos (1990, 1993 e 1995).

Nos dois enfoques existe a compreensão de que processos informacionais são processos complexos. Tal complexidade está registrada também na literatura americana (Hale, 1991 p. 344) onde identifica-se a insuficiência das posturas objetivantes do positivismo por não dar conta da complexidade (apesar de que aqui há uma mistura de referenciais: o princípio de incerteza de Heisenberg é lembrado junto às vantagens da etnografia e dos métodos qualitativos).

Entendo que a citada complexidade da realidade e em especial da realidade informacional está sendo interpretada por duas formas bastante distintas; a primeira baseada na estrutura complexa dos átomos, das partículas infinitesimais, nas Leis do Universo, onde as duas leis da Termodinâmica (nada se perde, tudo se transforma) estariam fornecendo marcos de interpretação para os SRIs. Os SRIs seriam então sistemas caóticos, extremamente complexos. A teoria do caos arejaria o determinismo newtoniano e descobriria a ordem no meio do caos. A Ciência da Informação estaria agora de posse de teorias que lhe possibilitaria explorar a complexidade. Com efeito assim é apresentado o tema da reunião anual da American Society for Information Science deste ano, conforme relata Braga (idem p. 87): “Global complexity: information chaos and control”.

A outra forma de entender a complexidade entende que complexos são não os átomos (ainda que possam sê-lo) mas as pessoas entendidas não como o irritante indivíduo psicológico mas como atores coletivos, grupos heterogêneos portado-

res de “heterologias discursivas” como são os vários segmentos da sociedade civil: movimentos associativos, movimentos do Sem Terra, partidos políticos, organizações não governamentais, organizações governamentais, organizações privadas, igrejas, enfim a densa sociedade civil de que falava Gramsci.

Penso que o nível de teorização praticada no Brasil é de excelente qualidade nos dois enfoques.

Esses dois enfoques são o que eu chamaria de pensamento de ponta. O que está na frente da pesquisa. As novidades. Com o detalhe que a Teoria do Caos já é um discurso mais internacional, mais institucionalizado, até por ser de interesse de pesquisadores das hard sciences.

Já a Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas é menos estudada pela Ciência da Informação. Identifico-a surgindo em apenas uma cientista da informação brasileira, sem precedentes na literatura internacional. Ou em todo caso sem o nível de profundidade com que essa abordagem se apresenta nos trabalhos de Gonzalez de Gomez (*Idem*).

Da mesma forma outros pensadores das ciências sociais tem contribuído para as tematizações acerca da informação. No Brasil começa-se a estudar Michel Foucault no conceito de governamentalidade para estudar as estatísticas como instrumento de poder do Estado, por exemplo (Senra, 1995): “Governamentalidade, a invenção política das estatísticas”. O Estado está emergindo em alguns grupos de pesquisa como personagem central, como ente informativo e não apenas palco das ações informacionais (Jardim, 1995). Foucault também tem sido estudado para a compreensão das epistemologias sem sujeito de que ele é um representante. Polemiza-se já no Brasil, batendo de frente com Foucault, a questão da morte do autor, da autoria (Coelho Neto, 1995). Eu mesma recentemente servi-me de toda a teorização que Michel Foucault faz em “As palavras e as coisas” para colocar a questão da representação do conhecimento (Mostafa, 1996). São autores pós-estruturalistas ou pós-marxistas ou ainda (com ressalvas) pós-modernos. Por exemplo, na minha intervenção sobre Método Científico aqui na Universidade do México, servi-me de um autor também francês, Jean-François Lyotard

para trabalhar a questão do método científico enquanto um jogo de linguagem com suas regras próprias. Pierre Bourdieu, também francês está começando a fazer carreira entre os cientistas da informação brasileiros na noção de campo, campo de ação (Marchiori, 1996) (Freire, 1995) ou na noção de hábitos (Marteletto, 1996) (Olinto, 1996). Bourdieu está sendo muito estudado no Brasil também nas áreas de ciências sociais, como Educação. Nem tanto na sua fase mais estruturalista como foi a fase de Louis Althusser, reprodutivistas que fizeram carreira no Brasil na década de 70 e que hoje estão mais ou menos superados, mas nos seus aspectos mais dialéticos. A partir da década de 80 Antonio Gramsci também começou a ser lido no Brasil e a Ciência da Informação absorve Gramsci na questão dos intelectuais e da produtividade científica. Um autor muito interessante do marxismo francês é Lucien Goldman com a noção de “consciência possível”, noção que também está presente na ciência de informação brasileira (Freire, 1995).

Todos esses autores das ciências sociais ajudam a compreensão das relações entre Informação e Sociedade.

Os autores liberais como Daniel Bell, John Naisbitt, Peter Druck, autores que fazem a apologia da Sociedade de Informações, precisam de ser contrapostos com autores mais críticos; parece que a França é um bom celeiro de teorias críticas da sociedade.

A Alemanha também gerou uma série de pensadores como os pensadores da Escola de Frankfurt que trabalharam com a indústria cultural e que tem implicações diretas para a Ciência da Informação por ser a informação produzida e consumida industrialmente.

Peço desculpas por falar apenas como essas escolas de pensamento tem contruído para a Ciência da Informação que se faz no Brasil e não em outros países da América Latina. Tenho lido pouco da contribuição latina ou européia da Ciência da Informação e esse colóquio me dá oportunidade de apreender sobre os outros países.

Penso que nós latinos somos bons em teorias sociais. Aliás, nós não temos opções. Nós temos que ser bons até para nos explicar na condição de países dependentes.



***Economia política, linguística, física quântica, ciências sociais, epistemologia, falamos de tudo isso para falar de Ciência da Informação. E há ainda os que não acreditam em interdisciplinaridade! É nessa multiplicidade de saberes que a Ciência da Informação encontra a sua unidade***



Dos autores alemães da Ciência da Informação há um destaque para Gernot Wersig, um autor muito estudado e lido no Brasil por colocar a Ciência da Informação como uma ciência que lida com “atores concretos, de diversos graus de complexidade [...] orientados para a solução de problemas [...]” (Gonzales de Gomes, 1995 p.81). Wersig é um autor muito produtivo que se mantém na literatura incorporando novas teorizações (Wersig, 1993). Autores ingleses de 20 anos atrás como Belkin & Robertson (1976) também são estudados no Brasil até hoje. A década de 70 foi muito rica na produção do conceito de informação. Na verdade, a Ciência da Informação ainda é uma ciência muito nova. Por isso, ainda está tentando entender o seu objeto. O grupo de pós-graduação do Rio de Janeiro é o que mais tem contribuído nessas formulações acerca do objeto da Ciência da Informação (A revista comemorativa dos 25 anos de pós-graduação do IBICT reúne boa parte destas tentativas, 1995).

Então no plano das ciências sociais vemos que há três correntes ou paradigmas influenciando as questões informacionais: o liberalismo americano, a social-democracia alemã e o pós-estruturalismo francês. O liberalismo libera a informação para todos. A sociedade vira sociedade de informações. Até daria para acreditar se o homem não fosse um homem político ou um homo economicus. Os temas tratados por esses autores são os temas fáceis da qualidade total, da democracia total, da eficácia total, do planejamento estratégico e outras conversas do senso comum que eu já ando dizendo que são conversas dos executivos e das secretárias nas salas vip dos aeroportos. Conversa de aeroporto. Mas que chega direitinho nas bibliotecas e no ideário dos bibliotecários.

A social-democracia alemã já enxerga os atores sociais em processos de comunicação, aonde este processo não é meramente um jogo estratégico ou instrumental de meios e fins; há aí negociações, lutas, pontos de vista. Para a ciência da informação interessa um autor como Habermas por ele falar em “ação comunicativa”. Os dois termos são importantes para a ciência da informação: ação e comunicação mas juntos eles apontam para uma terceira via das relações sociais que é a via da linguagem, do discurso. Para a ciência da informação essa via da lingua-

gem é vital porque a ciência da informação trabalha com textos escritos. Não vou entrar nas mudanças pelas quais a escrita está passando na pós-modernidade com as novas linguagens de imagem e som - os multimídias, apesar deste campo temático colocar interessantes e urgentes problemas a serem pesquisados. Se quiserem, podemos dizer que a linguagem é o novo paradigma da atualidade. A escrita pós-moderna não é mais a mesma escrita da modernidade. A escrita pós-moderna tornou-se ampla, tornou-se grande, tornou-se um hi-pe-texto. O que quero destacar com a questão da linguagem é a própria linguagem como objeto de reflexão para os cientistas da informação. Para não cairmos em abordagens apenas institucionais e acharmos que a Administração de Sistemas de Informação é só uma questão de gerência participativa, de relações humanas, de temas como liderança, marketing e planejamento. Todo o contexto informacional só é útil se levar-nos aos textos, às linguagens de representação dos textos, às linguagens documentárias.

Aqui também a corrente francesa de análise do discurso (uma área da linguística) tem contribuído nas teorizações de Pecheux (Rodrigues, 1996). A linguística tem vários paradigmas, várias correntes. A Ciência da Informação tem se servido tanto das correntes estruturalistas da linguagem com Pierce e Saussure, pensadores que fundaram a linguística como ciência e que interessam para a análise das linguagens documentárias (Ginez de Lara, 1993) quanto das reformulações paradigmáticas da própria linguística trazidas pela pragmática e pela análise de discurso. A pragmática é uma dessas reformulações da linguística na qual se inspira o alemão Habermas com a teoria da ação comunicativa. “Através da pragmática é que se inclui, ao lado do estudo da relação entre os signos (sintaxe) e do estudo das relações entre os signos e o mundo (semântica), o estudo das relações entre os signos e seus usuários” (Orlandi, 1986). Essas novas orientações da linguística são mencionadas por Gonzalez de Gomes (1993) ao analisar a questão da representação do conhecimento.

Eu não poderia fechar essas reflexões sem mencionar um autor (brasileiro mais uma vez, me desculpem): Marcos Dantas com a atualização da teoria do valor mar-

xista para área de informação. Do valor-trabalho para o valor-informação. Esta é uma área da economia política desenvolvida dentro de um programa de pós-graduação em Ciência da Informação (Dantas, 1996). É forçoso reconhecer que o Brasil inova na epistemologia go-

meziana e na economia política de informação de Dantas.

Economia política, linguística, física quântica, ciências sociais, epistemologia, falamos de tudo isso para falar de Ciência da Informação. E há ainda os que não acreditam em interdisciplinaridade! É nessa multiplicidade de saberes que a

Ciência da Informação encontra a sua unidade. O tema desta mesa “Enfoques paradigmáticos da Ciência da Informação: unidade na diversidade ou diversidade na unidade” é um tema inteligente, aliás, o único tema possível para a nossa ciência.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, V. M.R.H. “Sistemas de informação: nova abordagem teórico-conceitual”. En *Ci. Inf.* Brasília, v.24, n.1, p.54-76, jan./abril 1995.
- BELKIN N. J. & S. E. Robertson. “Information science and the phenomenon of information”. En *Jasis*, v.27, n.4. p. 197-204.
- BRAGA, G. M. “Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos”. En *Ci. Inf.* Brasília, v.24, n.1, p.84-88, jan./abril 1995.
- COELHO NETO, J. T. “O desautorizado autor, ainda”. En *Imagens*. Campinas, Unicamp, 1995.
- DANTAS, M. “Valor-trabalho e valor-informação”. En *Transinformação*. Campinas, v.8, n.1 p.55-88, jan./abril, 1996.
- FREIRE, I. “Informação, campo, consciencia possível”. En *Ci. Inf.* Brasília, v.24, n.1, jan./abril 1995.
- GINEZ DE LARA, M.L. “Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias”. En *Ci. Inf.* Brasília, v.22, n. 3 p. 223-226, 1993.
- GONZALEZ DE GOMES. “Paradoxos e desafios da Ciência da Informação”. En *Ci. Inf.* Brasília, v.19, n.2: 117-22.
- —. “A representação do conhecimento e o conhecimento da representação”. En *Ci. Inf.* Brasília, v.22, n. 3: 217-222, set./dez. 1993.
- —. “A informação: dos estoques à redes”. En *Ci. Inf.* Brasília, v.24, n.1:77-83 jan./abril 1995.
- HALE, M. “Paradigmatic shift in Library and Information Science research”. En MCLURE, CH. & P. HERNON, (Eds.) *Library and Information Science research; perspectives and strategies for improvement*. New Jersey, 1991p. 337-346.
- JARDIM, J.M. *O Estado (in)visível: a opacidade informacional da Administração pública brasileira*. RJ, IBICT (Tese de doutorado em andamento) 1995 Relatório da ANCIB.
- MARCHIORI, P. Z. “Bibliotecários, jornalistas e informáticos: a ocupação de posições relativas no campo de atividades de informação”. En *Transinformação*. Campinas, Puccamp, v.8, n. 1, p. 89-111, jan./abril 1996.
- MARTELETO, R. “Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social”. En *Ci. Inf.*, v.24.n.1, p.89-93, jan./abril 1995.
- MOSTAFA, S. P. “Filosofando sobre a área de informação”. En Londrina, *Simpósio Brasil-sul de informação*. 12p. (cópia xerox) maio, 1996.
- OLINTO, G. M. Gênero, “Capital cultural e desempenho escolar”. *Relatório de pesquisa II Encontro nacional de pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia*. ANCIB, Valinhos, 1995 p.38-39.
- ORLANDI, E. P. “O que é linguística”. En *Sp. Brasiliense*, 1986, 6 ed. (Coleção Primeiros Passos).
- RODRIGUES, C. L. *O olhar leitor do bibliotecário e a leitura de arquivos*. Unicamp, Instituto de linguística (pesquisa de doutoramento em andamento) 1996.
- SENRA, N. C. “Governamentalidade, a invenção das estatísticas”. En RJ, IBICT (tese em andamento) *Relatório do I Encontro de Pesquisa da pós-graduação em ciência da Informação do IBICT*, 1995.
- WERSIG, G. “Information Science: the study of postmodern knowledge usage”. En *Information Processing and Management*. v.29, n.2, p.229-239, 1993.